

## OS NOSSOS ANTEPASSADOS, DE ITALO CALVINO, COMO ALEGORIA DO SUJEITO MODERNO<sup>1</sup>.

Juliana Zanetti de Paiva  
Mestranda IEL Unicamp  
juzanettipaiva@gmail.com

Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano.

Tzvetan Todorov (A literatura em perigo, p. 92)

### Introdução

O controvertido Harold Bloom, em seu livro *Gênio*, quando define o que vem a ser um escritor genial, propõe que nos façamos algumas perguntas quando lemos um livro: “[...] ele ou ela alarga a nossa consciência? E como isso se dá?”. Ele propõe, então, o que chama de “teste simples, mas eficaz”, para identificar esse autor: fora o aspecto do entretenimento, a minha conscientização foi aguçada? Expandiu-se a minha consciência, tornou-se mais esclarecida?” (BLOOM, 2003, p. 37).

Dentre os escritores que ele considera geniais figura Italo Calvino. Calvino é de fato esse autor que aguça a consciência jogando uma luz sobre ela. Isso não acontece à toa, não se trata de transposição da política para a literatura; ao lermos as suas obras, acontece uma espécie de provocação à nossa sensibilidade e pensamento. Calvino não apreende nem representa simplesmente um fato social, ele não fala de coerções entre classes sociais, seu empreendimento é mais específico: ele narra aventuras, ou desventuras, que não constituem mero suporte a uma crítica social. A importância de uma obra para Antonio Cândido “quase nunca é devida à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas à maneira por que o faz” (2000, p. 33). Assim é a obra de Calvino.

Ao lê-la, percebemos dois níveis de construção literária e, portanto, de transfiguração do real: o primeiro é o nível da própria linguagem literária; o segundo é o da alegoria. Na escrita literária de Calvino, encontramos aquilo que Todorov expressa quando discute o que vem a ser a literatura:

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto de um projeto de mestrado em andamento, apoiado com bolsa pela Fapesp.

Ao dar forma a um objeto, um acontecimento ou um caráter, o escritor não faz a imposição de uma tese, mas incita o leitor a formulá-la: em vez de impor, ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo. (TODOROV, 2009, p. 78).

Isso está presente em *Os nossos antepassados*. Nele, Calvino apresenta um estilo novo – diferente das obras anteriores, em que predominava a marca do neo-realismo italiano. Nesta obra, ele realiza uma “fuga do real” e transcende essa mesma realidade pela imaginação (CÂNDIDO, 2000). O segundo nível de transfiguração do real pela alegoria, do qual falamos, é uma das rupturas nesse processo de mudança em que novos elementos possibilitaram enriquecer a sua narrativa. Isso fica explícito quando ele afirma:

Eu também estou entre os escritores que começaram na literatura da Resistência. Mas aquilo de que não quis abrir mão foi a carga épica e venturosa, de energia física e moral. Já que as imagens da vida contemporânea não satisfaziam essa minha necessidade, para mim foi natural transferir essa carga para aventuras fantásticas, fora de nossa época, fora da realidade. (CALVINO, 2009, p. 69).

Além disso, é importante destacar a preocupação de Calvino em não escrever uma história qualquer, mas que fosse significativa do ponto de vista narrativo, literário, e que estivesse ligada à vida. Há nele uma preocupação em, remetendo-nos à época medieval, discutir questões relativas àquilo que se denomina modernidade. Ele mesmo faz questão de esclarecer a sua intenção: “[...] para expressar o ritmo da vida moderna, não encontro nada melhor do que narrar batalhas e duelos dos paladinos de Carlos Magno” (CALVINO, 2009, p. 82).

Para nós, Calvino utiliza como recurso, para expressar o que chama de “ritmo da vida moderna”, a figura literária chamada alegoria. Ela se faz presente nas três histórias que compõem o livro *Os nossos antepassados: O visconde partido ao meio, O barão nas árvores e O cavaleiro inexistente*. Nelas, deparamos com enredos em que os personagens protagonistas deslindam a possibilidade de um campo de reflexão sobre a vida moderna. O autor argumenta que desejaria que as suas histórias fossem vistas como um retrato de nós mesmos, seres humanos do presente: “Gostaria que pudessem ser vistas como uma árvore genealógica dos antepassados do homem contemporâneo, em que cada rosto oculta algum traço das pessoas que estão a nossa volta, de vocês, de mim mesmo” (CALVINO, 2001, p. 20).

Com essa afirmação, vamos ao encontro, mais uma vez, daquilo que Todorov discutiu sobre o que vem a ser literatura:

Como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. A realidade que a literatura aspira

compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana. (TODOROV, 2009, p. 77).

Mas de que experiência humana se trata? O problema central de nossa proposição de estudo é refletir sobre os personagens dessa trilogia de Calvino como uma alegoria de nós mesmos, mas não somente a alegoria de nós contemporâneos, adoradores de mercadorias, mas de nós enquanto herdeiros do projeto de modernidade, que recebemos de *nossos antepassados* que vivenciaram o advento da modernidade como contraposição ao projeto tradicional pré-moderno.

Ora, a passagem da pré-modernidade à modernidade foi marcada por uma forte crítica à transcendência religiosa enquanto irracionalismo, crítica que atingiu seu cume no ideário iluminista, entendido como Esclarecimento (ADORNO & HORKHEIMER, 1986). O que essa crítica pretendia era fazer com que emergisse um sujeito livre da heteronomia, identificada com a monarquia e a religião: um sujeito livre da menoridade, um sujeito que ousa saber (KANT, 2005). Esse sujeito autocentrado e autodeterminado é, poderíamos dizer, o sujeito burguês. No entanto, ao “esvaziar o céu” (DUFOR, 2005), sob o pretexto de rompimento com a irracionalidade religiosa e, assim, com suas posições sociais estáticas, a modernidade viu se instalar uma razão não menos transcendental, mas que comanda os desígnios terrenos: a razão mercantil e instrumental.

Seguindo a crítica dos frankfurtianos, podemos afirmar que a razão instrumental é dominada pela lógica formal, pela abstração dos conteúdos concretos da vida e pela matematização:

A lógica formal é, assim, o primeiro passo na longa viagem para o pensamento científico — apenas o primeiro passo, porque ainda é necessário um grau muito mais elevado de abstração e matematização para ajustar o modo de pensar à racionalidade tecnológica. [...] Muito antes de o homem tecnológico e a natureza tecnológica terem surgido como objetos de controle e cálculo racionais, a mente foi tornada susceptível de generalização abstrata. (MARCUSE, 1973, p. 137)

O pensamento, no sentido do esclarecimento, é a produção de uma ordem científica unitária, um conhecimento que encara os fatos como são, neutros, (ADORNO & HORKHEIMER, 1986), desde que metodologicamente comprovados.

A ciência moderna se desenvolveu a partir de um domínio objetivo da natureza levado a um nível que a história humana ainda não conhecera. Nesse processo — um verdadeiro “programa de desencantamento do mundo” (*Idem*, p.19) — as qualidades do mundo são destruídas, juntamente com os deuses, pois o pensamento ordenador decompõe tudo o que é próprio e o que nos homens e nas coisas não se resolve na investida objetivante. Consequentemente, “o que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o Esclarecimento” (*Ibidem*, p. 21)

que, por princípio, é totalitário, na medida em que despe a sociedade de qualidades sensíveis para poder submetê-la ao mero cálculo.

É essa Razão que vem criando um mundo impessoal em que o chefe, em vez de coagir concretamente pela força, como em sociedades anteriores, apresenta-se de forma abstrata com “sutilezas metafísicas e manhas teológicas” (MARX, 1985) que permitem o domínio pela aceitação racional dos sujeitos. É esta sociedade que é apresentada por Zygmunt Bauman (2008, p. 20) como uma sociedade na qual, ao mesmo tempo, “ninguém pode se tornar sujeito, sem primeiro virar mercadoria, [...] uma mercadoria vendável.”

Os personagens dessa trilogia, de maneiras distintas, trazem a carga desse projeto – seja por meio do otimismo irrefletido, da mutilação, do esvaziamento dos raciocínios, seja por meio da racionalização formal-científica de que dão provas; são, em medidas diferentes, metáforas personificadas da Razão Instrumental (ADORNO & HORKHEIMER, 1986) com todas as suas contradições, avanços e regressões que culminaram na barbárie do século XX contra a qual a Razão moderna não pôde se opor, por já trazer em germe a própria irracionalidade (*Idem*).

### ***O visconde partido ao meio***

Quando lemos *O visconde partido ao meio*, podemos pensar que se trata de mais uma história em que o mal prevalece sobre o bem, mas essa inicial interpretação não é suficiente diante da figura de um homem que se apresenta mutilado, partido, incompleto, infeliz e solitário. E temos a certeza disso quando o próprio autor desfaz essa interpretação que parece ser a mais clara e evidente diante da construção do personagem principal: “E os críticos podiam começar a seguir uma estrada falsa: dizendo que minha preocupação primeira era o problema do bem e do mal. Não, não quebrava mesmo a cabeça com isso, nem por um instante havia pensado no bem e no mal” (CALVINO, 2001, p. 10).

Então fica mais claro que se trata, de fato, de uma alegoria sobre o ser humano enquanto ser na sociedade moderna, e não em qualquer sociedade. As interrogações passam, então, a ser acompanhadas de uma inquietação e reflexão sobre quem é e o que representa esse ser partido ao meio, reforçadas pela afirmação de Calvino ainda no prefácio:

Partido ao meio, mutilado, incompleto, inimigo de si mesmo é o homem contemporâneo. Marx chamou-o de ‘alienado’, Freud preferiu ‘reprimido’; um estado de harmonia antiga perdeu-se, aspira-se a uma nova completude. O núcleo ideológico-moral que pretendia dar à história era esse. (CALVINO, 2001, p. 10-11).

Essa mutilação se fazia não só no protagonista, mas este queria fazê-la existir fora dele, nas plantas, nas frutas, nos animais e até nas pessoas:

[...] Viram as peras que pendiam contra o céu da manhã e ao vê-las ficaram horrorizados. Porque não estavam inteiras, eram várias metades de peras cortadas ao comprido [...] Caminhando, os servos encontraram numa pedra meia rã que pulava, graças à resistência das rãs, ainda viva. (CALVINO, 2001, p. 39).

Mas por qual razão o visconde é um ser mutilado, incompleto? Por que, essa mutilação, o personagem mutilado quer vê-la também na sociedade? Essas são perguntas que nos fazemos ao lermos a história e que nos possibilitam pensar que o visconde Medardo, bem como o personagem Pedroprego, representam uma alegoria do indivíduo na vida moderna, aquele que não consegue ser um ser inteiro e nem consegue explicar o porquê. Se na pré-modernidade havia certa harmonia e equilíbrio, uma vez que tudo se justificava pelos céus e quem fazia essa mediação era a igreja, na modernidade houve a “libertação” desse jugo. Não é mais a fé que fornece fundamento à vida, mas a razão. Mas não a razão enquanto capacidade de pensamento e reflexão, mas aquele tipo de razão que, com os frankfurtianos, chamamos de instrumental. Não havendo mais qualquer tradição que medeie e dê equilíbrio e sustentação à relação entre os indivíduos, a mão invisível do mercado tende a cumprir esse papel. Todos passam a ser livres para concorrer no mercado, para mudar a vida como ganhadores de dinheiro. Os laços sociais passam a ser determinados pela vida de mercado, e historicamente assistimos à importância cada vez maior da mercadoria na vida dos indivíduos, não só como objeto de uso, já alienado, mas como objeto de desejo abstrato, objeto que vai preencher o vazio deixado pela perda de laços sociais para além dos laços da vida de mercado, laços que aparecem em algo que é exterior ao indivíduo, que o constitui e constitui as relações que são estabelecidas entre eles. Na modernidade, essa mutilação presente em Medardo se dá na incapacidade de o ser humano ser de fato humano, pois as relações sociais, e até a existência do ser na sociedade, são coisificadas, transformadas em mercadorias e, portanto, submetidas a uma lógica que determina e comanda a vida humana. E isso acontece como se fosse natural, como se a completude do ser não fosse possível senão nas mercadorias, não havendo reflexão acerca de como ou porque isso se dá. Não interessa, na modernidade, refletir sobre o que se produz ou qual o significado dessa produção. Pouco importa se bombas ou pares de sapatos são produzidos (JAPPE, 2006).

Essa falta de reflexão e pensamento sobre o conteúdo das nossas ações e criações ou a negação da reflexão se faz presente de forma muito clara no personagem Pedroprego, carpinteiro que construía as forcas encomendadas por Medardo para matar quem ele decidisse e ordenasse:

‘Como posso’, pensava, ‘aceitar construir algo tão engenhoso mas que tem um objetivo diferente? E quais poderão ser os novos mecanismos que construirei com

mais boa vontade?’ Mas não obtendo respostas para tais questões, tratava de expulsá-las da mente, esforçando-se em fazer as instalações mais bonitas e engenhosas que podia. – Tem de esquecer o fim para o qual servirão. Olhe-os só como mecanismos. Vê como são bonitos?’ (CALVINO, 2001, p. 48-49).

É assim que a modernidade encara suas construções, como mecanismos que funcionam, é este o aspecto formal da razão que domina. Não se põe em questão os fins – o que seria tarefa para uma razão sensível e crítica.

### ***O barão nas árvores***

Segundo a trilogia, temos *O barão nas árvores*. Diferentemente da primeira história, aqui Calvino não destaca a mutilação ou a incompletude do ser. Segundo ele, a sua teia narrativa seria sobre: “[...] uma pessoa [que] se impõe voluntariamente uma regra difícil e a segue até as últimas consequências, pois sem esta não seria ela mesma nem para si nem para os outros” (CALVINO, 2001, p. 13). Obviamente, o autor delinea como será a narrativa e, a partir disso, constrói um objetivo, ou um desejo, a ser alcançado. Mas isso não significa dizer que, durante o processo de criação e escrita, a história não possa extrapolar os objetivos definidos e apresentar outros temas ou ideias que apontem para outros caminhos da reflexão e da crítica. Segundo Calvino, a história tem como objetivo principal mostrar a determinação de alguém em seguir um projeto até as últimas consequências para manter a sua identidade. Mas, como ele mesmo afirmou, os leitores de suas histórias estão livres para interpretar além do explicitado por ele em suas análises ou comentários sobre as suas próprias histórias: “Assim como estão livres para interpretar como quiserem estas três histórias, e nem precisam sentir-se vinculados ao testemunho que agora lhes ofereci sobre sua gênese” (CALVINO, 2001, p. 19).

Deste modo, podemos adicionar algumas outras interpretações sobre o personagem principal Cosme Chuvasco de Rondó. Ao decidir viver em cima das árvores, deixa-se claro, através do narrador – seu irmão – que Cosme não aceita as relações familiares que se dão em sua casa, nem o mando autoritário do pai, muito menos a ideia que o pai representa de ascensão à riqueza e poder trazidos pela nomeação a algum cargo importante. Mas se pode compreender, também, que Cosme não conseguia relacionar-se diretamente com as pessoas, pois fugia delas quando determinado comportamento ou pessoa o desagradava. No caso de Cosme, ele vivia momentos de selvageria: “[...] ele era igualmente avesso a todo tipo de convivência humana vigente em sua época, e por isso fugia de todos, e se obstinava em experimentar novos; mas nenhum deles lhe parecia suficientemente justo e diferente dos outros: daí seus contínuos intervalos de selvageria” (CALVINO, 2001, p. 332). Em contrapartida, quando em contato com as pessoas, mantinha postura otimista, fruto de sua proximidade aos ideais da Revolução Francesa. A sua recusa, no fim das contas, é

em relação ao Antigo Regime. Ele é o legítimo representante da filosofia das Luzes, o que não impede que ele tenha momentos de selvageria como uma espécie de reação ao fato de as relações sociais não serem como ele projetava.

É na modernidade – e contemporaneamente cada vez mais – que os sujeitos se relacionam através de objetos, a cada instante uma novidade, e mesmo assim sentem-se vazios porque o conteúdo expresso é a negação do ser e a afirmação da mercadoria. E esse vazio está também presente em Cosme, que vive sempre com a ideia de “[...] tornar-se útil, de realizar um trabalho indispensável para os outros” (CALVINO, 2001, p.229), impelido sempre a agir, mas que, ao final, não sabe por qual razão fez tantas coisas: “[...] – vivo há muitos anos por ideais que não saberia explicar nem a mim mesmo: *mas faço uma coisa muito boa: eu vivo sobre as árvores*” (CALVINO, 2001, p. 359). (Tradução nossa)

Outro elemento importante aparece – a vida vazia de significado e entendimento. Pensar é penoso e é uma atividade para alguns. O irmão de Cosme expressa bem essa ideia após a morte dele: “Antes era diferente, havia meu irmão; dizia para mim mesmo: ‘já existe ele que pensa’. E eu tratava de viver” (CALVINO, 2001, p. 361).

### ***O cavaleiro inexistente***

Continuando a trilogia, percebemos que *O cavaleiro inexistente* vai muito além de uma história para nos fazer divertir, como disse Harold Bloom (2000, p.705). A história desse cavaleiro possibilita uma reflexão sobre a negação da individualidade do ser humano, de todo aquele indivisível que existe em cada um graças às suas experiências sempre diversas em proveito de uma forma-sujeito apta à vida moderna, com ações e pensamentos em consonância com o ritmo moderno.

Quanto mais estridente se torna o discurso acerca da fantástica ‘individualidade’ moderno-ocidental, tanto mais os seres humanos individuais tornados abstratos do ponto de vista real se igualam entre si qual um ovo em relação ao outro, até mesmo no que se refere ao hábito exterior, no modo de pensar e agir mecanicamente controlado pelas modas e pelas mídias de acordo com o fetiche da valorização (KURZ, 2010, p.87).

Se Marx falou dos sujeitos no capitalismo, portanto, na modernidade, como portadores de uma *máscara de caráter* (1984), poderíamos dizer que Calvino construiu uma alegoria da *armadura de caráter* do sujeito moderno.

O protagonista, Agilulfo, é uma alegoria forte do sujeito moderno porque é ele quem tem sempre atitudes calculadas, sem reflexões ou questionamentos, com a aceitação da realidade vivida e por isso sem atritos com ela; pelo contrário, há nele um vazio que se expressa nas atividades que desenvolve. Sobre a sua época, diz-se:

[...] Era uma época em que a vontade e a obstinação de existir, de deixar marcas, de provocar atrito com tudo aquilo que existe, não era inteiramente usada, dado que muitos não faziam nada com isso – por miséria ou por ignorância ou porque tudo dava certo para eles do mesmo jeito – e assim uma certa quantidade andava perdida no vazio. Podia até acontecer então que num ponto essa vontade e consciência de si, tão diluída, se condensasse, formasse um coágulo, como a imperceptível partícula de água se condensa em flocos de nuvem, e esse emaranhado, por acaso ou por instinto, tropeçasse num nome ou numa estirpe, como então havia muitos disponíveis, numa certa patente de organização militar, num conjunto de tarefas a serem executadas e de regras estabelecidas [...] (CALVINO, 2001, p. 393).

Outro personagem, Gurdulu, também é a representação da falta de individualidade, ele reflete a fusão do ser com o objeto, portanto, a negação desse mesmo ser. Isso fica muito claro quando Gurdulu se depara com uma sopa para o jantar e grita várias vezes: “Tudo é sopa!” (CALVINO, 2001, p. 411). E diante dos gritos de Gurdulu, outro personagem se questiona: “[...] mas era mais uma dúvida que um arrepio – que aquele homem que girava ali na frente sem enxergar tivesse razão e o mundo não fosse nada mais que uma imensa sopa sem forma em que tudo se desfazia e tingia com sua substância todo o resto” (CALVINO, 2001, p. 412).

A forma social moderna, capitalista, tende a encarar o mundo com essa mesma indiferenciação, como uma sopa sem forma e sem qualidades, uma vez que a quantidade é que conta, quantidades de riqueza tanto maiores quanto desprovidas de sentido realmente humano. Calvino apreendeu, com sua literatura, o significado do advento do mundo moderno com sua razão unidimensionalmente instrumental que tende a rechaçar a razão sensível e crítica para nos tornar armaduras de caráter como Agilulfo que, no acampamento, no momento em que todos se recolhiam para dormir, “tentava manter-se deitado e continuava pensando: não os pensamentos ociosos e divagantes de quem está para pegar no sono, mas sempre raciocínios determinados e exatos” (CALVINO, 2001, p. 373).

Refletir sobre o ser humano e a sociedade em diferentes épocas é “analisar a visão que a obra exprime do homem, a posição em face dos temas, através dos quais se manifestam o espírito ou a sociedade” (CÂNDIDO, 2000, p. 34), pois a literatura expressa uma visão de mundo, ela “[...] refere-se a tudo. Não pode ser separada da política, da religião, da moral. É a expressão das opiniões dos homens sobre cada uma das coisas. Como tudo na natureza, ela é ao mesmo tempo efeito e causa. Imaginá-la como fenômeno isolado é não imaginá-la” (CONSTANT citado por TODOROV, 2009, p. 60).

Estamos cada vez mais sendo obrigados a pensar formas de compreender os tempos contemporâneos que atravessam o que se pode chamar de uma crise de civilização, e a literatura sempre deu provas de compreender sensivelmente a sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida Para Consumo*. Trad. Carlos Albert Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- BLOOM, Harold. *Gênio*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- CALVINO, Italo. *Os nossos antepassados*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Assunto Encerrado*. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 9 ed. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 2000.
- DUFOUR, Dany-Robert. *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Trad. de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 2005.
- HERBERT, Marcuse. *Ideologia da sociedade industrial. O homem unidimensional*. Trad. Giasoni Rebuá. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1973.
- JAPPE, Anselm. *As aventuras da mercadoria*. Trad. José Miranda Justo. Lisboa : Antígona, 2006.
- KANT, Immanuel. *Textos seletos*. Trad. Raimundo V. e Floriano F. Petrópolis:
- KURZ, Robert. *Razão sangrenta*. Trad. Fernando Barros. São Paulo: Hedra, 2010.
- LIMA, Luiz Costa. *A análise sociológica da literatura*. In: \_\_\_\_\_. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. (Volume 2).
- MARX, Karl. *O capital*. Trad. Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro, 2009.